

Chegaram pelo Correio (Combo: Livro e CD)

## Description



*O livro veio com um bilhete como posfácio, assinado por uma das professoras de meu doutorado, que merece que se lance mão da liberdade de reproduzi-lo aqui.*

UM BILHETE PARA ANA F.

queria ir até o japão  
soltar a plantação de arroz  
e plantar meu peixe beta

*disse Ana Frangoelétrico*

Querida, não fiz um texto de apresentação sua como poeta, nem de seu livro de estreia. Preferi escrever um bilhete tieste de espanto e de alegria pra você.

Tenho 80 anos e há pelo menos uns 70 leio e curto poesia. De uns tempos pra cá, digamos desde Ana Cristina César, com quem convivi e trabalhei, tenho um certo fraco, ou predileção mesmo, por poemas escritos por mulheres. Não pelo estilo, qualidade ou conteúdo, mas por afinidade instantânea e pouco explicável. O que é sempre muito bom. Digo desde Ana C, porque acho que ela foi pioneira em colocar na mesa uma dicção específica, aquela que procura um modo de dizer que não cabe na razão masculina. Mas a própria Ana C chamou atenção para a ausência de temas de mulher na poesia contemporânea, ao que acrescento: na poesia de Ana C também não encontro esses temas a não ser de modo transversal, ambíguo e, sobretudo, segredo cuidadosamente ao pé do ouvido.

79

Foi portanto um susto quando li o poema, todo escrito por você em caixa alta, que começa assim:

#### CÓLICA

A TORNEIRA PINGA  
O SANGUE DESCE  
MEU HAMSTER INTERNO CORRE  
E ME ACORDA

De repente, me deparei com um poema escancaradamente sobre assuntos de mulher, escrito por uma mulher, no caso, você, uma multipoeta que tem como pseudônimo Ana Frangoelétrico, tem apenas 22 anos, toca guitarra com garra total, compõe, pinta e escreve poemas. Senti a entrada em cena de uma nova geração de poetas mulheres decidida a fazer boa poesia, explicitar a que veio e de que forma vai arrombar o reino da poesia.

Vi também outra particularidade no seu trabalho. Como disse anteriormente, você compõe, pinta e escreve poemas tudo ao mesmo tempo sem interrupção. Lendo seus poemas e desenhos com atenção, percebi que, no seu caso, é absurdamente arbitrário dizer onde acaba um poema e começa uma composição ou um desenho. Vi como esses limites entre

formas de expressão se exibem borrados e promovem uma mega potencialização de cada um e de todos reunidos.

depois de conversar com raquel sobre o cenário/figurino da gal: sai do muro, vem cafona, bota onça bota zebra bota rosa, chama a gente, homens terno, ou só gravata, bota o disco gira a bola. vem cafona bem cafona mais cafona beijos já virou música pouco importa

Tentando me situar melhor, te perguntei, numa conversa por telefone, como você havia se descoberto poeta. Como eu previa, sua resposta não trouxe nem uma gota de idealização do fazer poético, tão frequente em tempos passados. Ao contrário, o que me lembro que ouvi foi mais ou menos isso: Por acaso, encontrei o poema *Galo Sideral de Salgado Maranhão*, saquei um surrealismo ali e pensei: *já que fazer um filme é muito caro, vou ser poeta. Um poema é igual a um filme inteiro e, ao mesmo tempo, é rápido e ativo. Como inicialmente minha atividade artística com imagens foi feita com colagens lembrando o dadaísmo, comecei a experimentar esse mesmo procedimento com a palavra.*

Parti para anotações, fragmentos de leitura, palavras e sentidos invertidos, para as cores do desenho, para a pesquisa musical, a montagem cinematográfica. Para mim bastou. Estava definida sua poética. Uma poética nomeada na capa do livro como *paralelismo miúdo*. Aqui se esclarece um pouco meu susto inicial. Trata-se de uma poesia com outro DNA geracional. Um DNA quase insolente, que, partindo radicalmente para o testemunho pessoal e localizado, desmistifica toda e qualquer aura da poesia (pelo menos aquela dos nobres tempos dos cânones masculinos) em prol da liberação de uma fala corporal, libertária. Um DNA que se formata tecnicamente por associações rápidas e inesperadas, por um conglomerado de linguagens e modos de expressão onde as poéticas da imagem, do som e da palavra são mais do que complementares, são uma só. Você me diz ainda que só compõe música quando está escrevendo. E eu acredito. E lembro do impacto que me causou o primeiro livro de sua guru, Yoko Ono, um mix de desenhos, instruções, partituras, enfim, como você própria define, *som e palavras como dispositivos para a realidade*. Chegamos aqui num ponto interessante. Que realidade é essa que você vê/procura em seus versos? Seria essa a realidade que se vê, ou uma realidade possível?

82

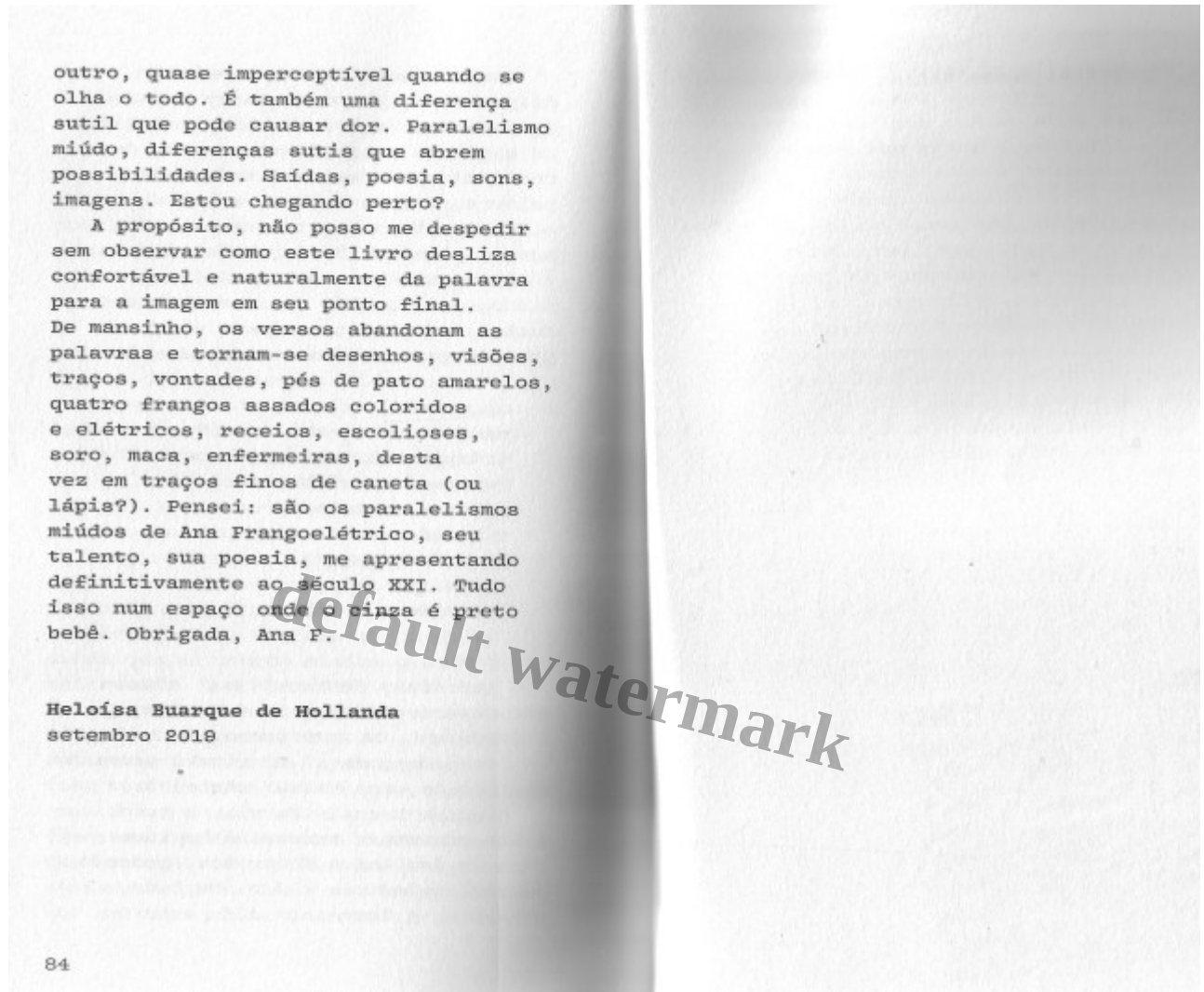
Quando você fala em poesia dispositivo, penso em Harry Potter (que talvez você tenha lido e relido) no qual uma geografia expandida da realidade pode ser aberta a cada palavra, a cada acento, a cada silêncio. Vejo em você uma escrita também passível de expansão, onde torna-se visível seu paralelismo miúdo, onde o chão de um é o teto do outro, onde limites são na verdade portais para outras realidades.

na rua:  
trânsito carregado de roupa  
branca & carrinhos de bebês  
no quarto ao lado:  
vibrações opcionais  
posições ilegais  
tesão que dói  
nos olhos,

E o que dizer de *Escoliose*, título que você escolheu para este livro, convenhamos, um nome pouco provável para um livro de poemas? Um título estranho certamente, mas talvez certo.

Segundo Drauzio Varella, a escoliose é uma curvatura anormal da coluna para um dos lados do tronco, podendo causar assimetria e dor. Um lado, portanto, é levemente diferente do

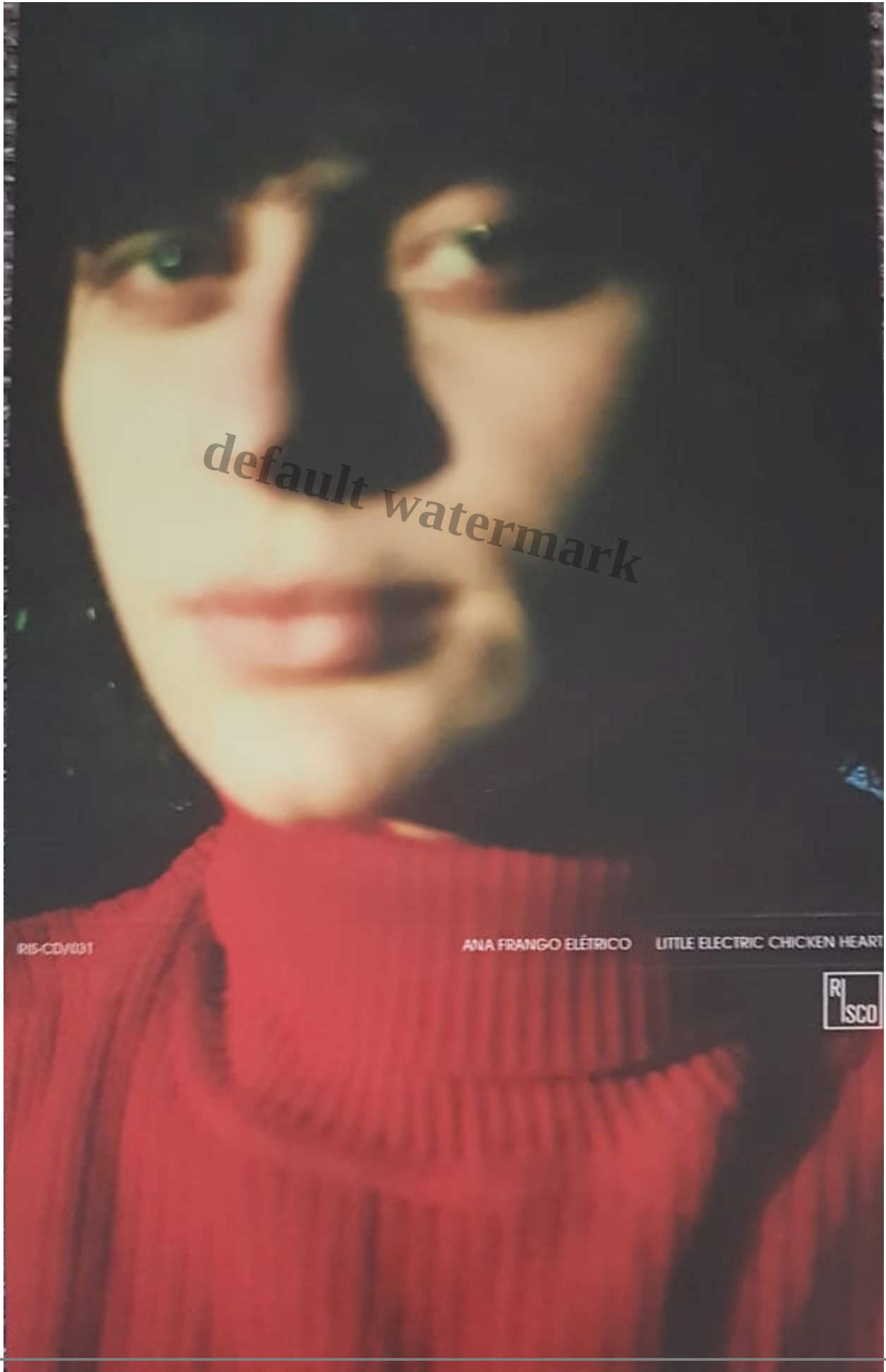
83



**(Posfãcio de Heloãsa Buarque de Hollanda para a Escoliose Paralelismo Miúdo, Garupa Ediãšãmes (Modinhas, Baladas & Sonetos), 2020)**



*default watermark*



## Category

1. Ana Frango ElÃ©trico

## Date Created

2020/10/06

## Author

kikopedrosa

*default watermark*